

**RELIGIÃO E IDENTIDADE: UCRANIANOS CATÓLICOS E
ORTODOXOS EM CURITIBA**

**RELIGION AND IDENTITY: UKRAINIAN CATHOLICS AND
ORTHODOX IN CURITIBA**

**RELIGIÓN E IDENTIDAD: UCRANIANOS CATÓLICOS Y
ORTODOXOS EN CURITIBA**

Laurenço Resende da Costa¹

Resenha do livro *A prece ucraniana na pressa da cidade: as renegociações das práticas religiosas ucranianas nos espaços da cidade de Curitiba a partir de 1960*, de Paulo Augusto Tamanini (Curitiba: CRV, 2017).

O livro de Paulo Augusto Tamanini, *A prece ucraniana na pressa da cidade: as renegociações das práticas religiosas ucranianas nos espaços da cidade de Curitiba a partir de 1960* é fruto de sua pesquisa de doutoramento em História na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), tese defendida em 2013. O texto traz importante discussão a respeito das diferenças religiosas entre os imigrantes ucranianos e seus descendentes em Curitiba, capital paranaense, a partir da década de 1960, e como tais práticas religiosas sobrevivem em uma cidade que cresce(u) de forma acelerada.

O primeiro ponto que precisa ser explicitado é que os imigrantes ucranianos que vieram para o Brasil, na sua esmagadora maioria, eram cristãos (se há exceções, ainda não foram estudadas, pelo menos não por pesquisadores no Brasil). Mas, nem todos professavam a mesma fé cristã, pelo menos não sob a mesma ótica doutrinária e ritualística. Os imigrantes originários da Ucrânia e/ou seus descendentes basicamente se dividem em dois grupos: cristãos ortodoxos e cristãos católicos que seguem ritos orientais. O fenômeno neopentecostal evidentemente atinge descendentes de ucranianos, mas isso é algo relativamente recente e sem uma representação quantitativa significativa (a grande difusão e o crescimento das igrejas neopentecostais não correspondem ao recorte espacial em que se insere a vinda dos imigrantes).

A maior parte dos ucranianos que vieram para o Brasil é católica de rito oriental, sendo que a conversão ao catolicismo ocorreu a partir de 1595, quando uma parte do

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Secretaria de Estado da Educação do Paraná.

clero da Ucrânia se albergou sob a autoridade papal (TAMANINI, 2017, p. 36). Todavia, em Curitiba os ucranianos ortodoxos também conseguiram se estabelecer e formar uma Eparquia – equivalente a uma diocese na Igreja Latina – na segunda metade do século XX (p. 42).

Uma questão que não pode ser negligenciada, e é tratada no texto, se refere à manutenção das fronteiras entre católicos e ortodoxos, estes últimos taxando os primeiros como traidores em razão da aproximação com Roma e da negação, a partir de então, da autoridade do Patriarca de Constantinopla (p. 22). Mas, esse limite, construído na Europa e reproduzido na capital paranaense, fundamentalmente embasado em memórias coletivas é tênue, pois a religiosidade os afasta enquanto a origem étnica os aproxima.

Por essa razão a construção de discursos, bem como de lugares de memória, que os identificam como pertencentes a um grupo, e não ao outro, é uma constante. Daí a edificação de eparquias, igrejas, parques e monumentos que, de algum modo, os diferencie do *outro* e possa ser reivindicado como *seu*. Junto à necessidade de exclusão mútua há também pressão de uma *urbe* que cresce rápido e que ameaça não apenas dissipar a distinção entre ortodoxos e católicos, mas também a autoidentificação frente a múltiplos *outros*.

A identidade, sobretudo a identidade étnica, é forjada na interação com indivíduos não pertencentes ao grupo. Para que a fronteira se estabeleça é fundamental que haja contatos culturais, a ideia de que grupos étnicos correspondem a populações isoladas não possui mais sustentação. Além disso, tão importante quanto o estabelecimento da diferença entre ucranianos ortodoxos e católicos é a manutenção desse limiar. Algo extremamente complexo em uma cidade que não para de crescer e se reinventar e, portanto, não dispõe de “tempo” para observar a manutenção de práticas culturais atreladas à tradição, ligadas à religião ou não, e que de modo geral são extremamente resistentes às mudanças.

Mas, é nos ritos que ucranianos católicos e ortodoxos buscam sedimentar uma distinção mútua. Aliás, esse esforço ao longo do tempo aparece muito ligado a uma questão das instituições, Igreja Católica Ucraniana de Rito Oriental e Ortodoxa, pois as pessoas que frequentam as celebrações já não compreendem gestos tão específicos, indumentárias singulares e suntuosidades rituais (p. 104). Além disso, a liturgia na Eparquia de São João Batista, católica, assim como as celebrações religiosas na

Eparquia de São Demétrio, ortodoxa, continuam sendo realizadas na língua ucraniana, outra dificuldade para as gerações mais novas.

A vida dos ucranianos em Curitiba, sejam eles católicos ou ortodoxos, está alicerçada em tradições e em um calendário litúrgico que não obedece ao frenesi das fábricas e seus apitos, o seu ritmo é outro. Mesmo com a pressa da cidade que segue apressadamente as badaladas do relógio em consonância com as transformações da *urbe* e/ou em (des)acordo com o tempo social, a *ucraneidade* se vivencia de modo inseparável do tempo ligado ao sagrado. Essa *ucraneidade* não se resume, segundo Paulo Augusto Tamanini, a trajes cotidianos, indumentárias festivas, comidas típicas ou quaisquer outros aspectos visíveis. Ela é “compreendida por uma invenção e um artifício identificatório de natureza subjetiva e que pode ganhar forma, concretude e visibilidade quando se dela precisar” (p. 28).

Junto à “gestão do tempo”, no seguimento de um calendário litúrgico, existe também uma gestão dos espaços dentro das igrejas, tanto ortodoxas como católicas. As celebrações nas igrejas ucranianas, tanto subalternas ao Papa como ao Patriarca, são realizadas, pelo menos em parte, com o sacerdote de costas para a assembleia, e há espaços na Igreja a que apenas o celebrante tem acesso, ambientes interditados a quem não é sacerdote. Esse local é o *Ieron*, palavra de origem grega que remete à ideia do sagrado, onde fica o pão da Eucaristia (p. 118).

Portanto, o material e visível contrasta e, ao mesmo tempo, se completa com o imaterial e o invisível na composição da identidade ucraniana. Essa dialética está presente principalmente nas renegociações das práticas religiosas dos ucranianos em Curitiba a partir da década de 1960. Na busca da compreensão de como isso se dá em uma cidade apressada, capital de estado, é que se centraram os esforços do autor.

Mas, evidentemente, as práticas religiosas não são realizadas apenas no local consagrado que é a Igreja. Na decoração das casas há uma infinidade de objetos de devoção que se misturam com outros artefatos cotidianos e que, no conjunto, distinguem uma casa de um descendente de ucranianos de outra que não seja. Mas, mesmo no recôndito dos lares, a religião e seus símbolos fazem parte da vida diária e compõem a *ucraneidade*.

O pão ocupa um lugar de destaque no exercício da religiosidade e, conseqüentemente, da *ucraneidade*. O feitiço do pão, desde o alimento consumido cotidianamente, bem como aquele feito para momentos especiais – Páscoa, bodas,

celebrações em homenagem aos falecidos, entre outras ocasiões –, incluindo o pão feito especialmente para ser consagrado e distribuído na comunhão, é cercado de significados. O material e o imaterial se misturam, o passado e o presente buscam coexistir em meio à pressa da cidade curitibana.

Portanto, o livro *A prece ucraniana na pressa da cidade: as renegociações das práticas religiosas ucranianas nos espaços da cidade de Curitiba a partir de 1960* pode ser lido dentro da perspectiva de temporalidades que se cruzam e se interpenetram, onde o passado e o presente coexistem, ora de forma harmoniosa, ora em conflito. Da mesma forma a memória, individual e coletiva, é fundamental para o exercício de uma identidade ucraniana – a *ucraneidade* – em Curitiba. Tudo isso tendo como pano de fundo uma rivalidade religiosa que opõe católicos de rito oriental e ortodoxos nos espaços da cidade.